

M 160 - 14.5.53

"Uma festa"

BA - A grande festa

## FESTA

Não sei que tonalidade rósea des-  
cia dos imensos lustres suspensos  
no salão; ou era como se em al-  
guma parte houvesse um crepúscu-  
lo em sangue irradiando uma luz  
fantástica e sutil; sei que no arfar  
do colo das mulheres suas peles  
pareciam mais morenas e coradas;  
como se os seus seios tivessem  
crescido imperceptivelmente. A que  
me dava o nome de amigo estava  
tão esplêndida que ela mesma cer-  
rava os olhos de prazer para sen-  
tir seu sangue correndo satisfeito  
por todo o corpo saído e recente-  
mente lavado.

Sim, nós todos estávamos vesti-  
dos com certa dignidade e minucio-  
samente limpos; isso nos dava  
bem-estar; era um dia de festa  
geral.

Quem andasse pelo salão veria  
depois que ele não terminava; era  
um salão imenso e infinito, ladeado  
de parques e repuxos; a noite  
cantava de alegria pela voz dessas  
águas felizes. Todas as pessoas do  
mundo estavam na festa; toda a po-  
pulação tinha querido sair esta noi-  
te, e graças às máquinas hábeis e à  
engenharia emancipada e generosa  
todos estavam limpos e bem vesti-  
dos, e uma grande porcentagem  
trazia flores.

Alguém sussurrou que era a Pri-  
meira Festa da Terra; alguém indi-  
cou vários presidentes de repúbli-  
ca e imperadores; era fácil para  
cada um encontrar uma pessoa que  
amasse, ainda que ela nos dias co-  
muns estivesse a grande distância;  
porque a festa era muito bem or-  
ganizada.

Mesmo as pessoas doentes e tristes  
esta noite estavam bem; as pessoas  
truncadas estavam inteiras, e admi-  
ravam com prazer os próprios braços  
novos. Segundo a combinação geral  
ratificada de pé, por unânime aclama-  
ção, por todos os parlamentos,  
todos aquela noite eram felizes, sem  
que nenhuma lembrança do passa-  
do pudesse aborrecer alguém; e no  
futuro ninguém pensava, tal era o  
prazer da festa.

A que me dava o nome de ami-  
go sorria, e me achava bem, sentia  
o quanto sua presença me fazia  
bem. Dizíamos com delicadeza um  
para o outro: "são seus olhos";  
"não, são os seus".

E muitas pessoas olhavam outras  
com olhos azuis, novos, perfeitos e  
úmidos. Mas eu estava no sector  
dos olhos negros; eram emoldurados  
de cabelos negros; a boca se en-  
trecbria; os dentes eram pequenos  
e brancos; o colo arfava de manso.  
Todos tivemos prazer em conhecer  
muitas pessoas; a humanidade es-  
tava satisfeita consigo mesma; havia  
muito entendimento. Não sei se se-  
riam os lícões finos ou os sorrisos  
daquela boca feliz; mas eu imagi-  
nava nitidamente essa festa geral.  
Esse salão com seu parque infinito.  
Foi então que uma rajada de ven-  
to fez bater uma janela; os vidros  
se estilhaçaram. Deixei por um ins-  
tante a minha amiga, sem saber que  
nunca mais a haveria de ver; olhei  
pela vidraca partida a noite escura.  
Era uma noite triste e negra  
que chorava com seu vento, chorava  
de tristeza e de pobreza, e o  
mundo lá fora era um imenso ter-  
reno baldio com pequenos carebres  
clandestinos de madeira entre os  
quais passeavam grandes ratos fa-  
mintos.

Percebi meu erro; voltei-me para  
o interior do salão, mas não havia  
mais ninguém; era um pequeno  
quarto frio construído por um de-  
mônio para nele prender a minha  
insuportável solidão.

12/10/52 R. B.